# O diálogo do professor e estudante em sala de aula; uma ferramenta não negociável

**Autor(res)**

Aurelice Sentalin Valverde

**Categoria do Trabalho**

Trabalho Acadêmico

**Instituição**

FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS

## Introdução

O diálogo é um dos pilares da prática educativa e se constitui como fundamento da pedagogia crítica. Paulo Freire (1996) afirma que não há educação sem diálogo, uma vez que este é o espaço em que educador e educando se reconhecem como sujeitos históricos em permanente construção. Nesse sentido, a sala de aula deve ser compreendida como território de encontro, pois “a palavra, se não for privilégio do educador, mas instrumento de libertação compartilhada, faz emergir o pensamento crítico e a consciência da realidade, promovendo a transformação social.”(FREIRE, 1996, p. 35).

A valorização da escuta e da fala no ambiente educativo não pode se limitar a uma estratégia metodológica, mas integra a dimensão ética do ato de ensinar. Habermas (1987) enfatiza a centralidade da ação comunicativa, na qual a linguagem se torna meio de entendimento e consenso. Transferida ao espaço escolar, tal concepção sustenta que a aprendizagem só é plena quando se constrói coletivamente, através de interações que respeitam a diversidade de vozes presentes na comunidade escolar.

Vygotsky (2000) reforça essa perspectiva ao defender que o desenvolvimento humano se dá por meio da mediação social. O diálogo, nesse caso, é prática cultural que viabiliza a aprendizagem situada, permitindo que os estudantes avancem em sua zona de desenvolvimento proximal. A palavra do professor, coaduna à experiência do estudante, formando significados que sucederão o crescimento intelectual e afetivo.

Diante disso, compreende-se que o diálogo entre professor e estudante não é um recurso opcional, mas uma ferramenta não negociável da prática pedagógica. Sua ausência compromete a dimensão crítica e emancipadora da educação, esvaziando-a de sentido humano. Este resumo expandido tem como objetivo refletir sobre a centralidade do diálogo em sala de aula, com base em referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, destacando sua função como elemento estruturante do processo de ensino-aprendizagem.

## Objetivo

Refletir sobre a centralidade do diálogo em sala de aula, destacando sua função ética, pedagógica e emancipatória, a partir de referenciais clássicas e contemporâneos. Evidenciar a construção coletiva do conhecimento, a escuta ativa e a mediação cultural, mostrando o diálogo como prática indispensável e portanto, não negociável à formação crítica e ao protagonismo de educador e estudante.

## Material e Métodos

Este estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, compreendida, segundo Bogdan e Biklen (1994), como caminho investigativo que busca interpretar fenômenos educativos em seus contextos sociais. A opção pela pesquisa bibliográfica permite reunir e analisar diferentes concepções sobre o diálogo em sala de aula, assegurando a construção de uma visão crítica e fundamentada.

A pesquisa bibliográfica segue as orientações de Lüdke e André (1986), que a definem como estratégia capaz de integrar contribuições diversas em torno de um mesmo objeto. Nesse caso, o objeto central é o diálogo como prática pedagógica. Foram selecionados autores clássicos como Freire, Vygotsky e Gadamer, além de contribuições contemporâneas que discutem práticas comunicativas no campo educacional.

Freitas (2002) sustenta a necessidade de interpretar o fenômeno educativo em perspectiva sócio-histórica, valorizando a dimensão cultural e relacional. Por isso, o estudo compreende o diálogo como prática situada, não apenas em sua função comunicativa imediata, mas como elemento que reflete relações de poder, saber e pertencimento. Uma via que suscita o protagonismo do estudante ao criar o protagonismo também no educador, enquanto mediador do processo educacional.

A metodologia adotada contempla a análise de conteúdo, voltada à identificação de categorias fundamentais, como: escuta ativa, mediação, linguagem, emancipação e ética. Tais categorias emergem dos referenciais estudados e permitem compreender o diálogo como prática pedagógica não negociável, termo que sugere a permanência do diálogo em todas as etapas como necessário e não condicionado a qualquer que seja a característica proposta. Dando a ele a característica de indispensável à formação crítica.

## Resultados e Discussão

A análise demonstra que, embora cada autor parta de referenciais distintos, há uma convergência na defesa do diálogo como mediador essencial da aprendizagem. Essa convergência indica que, do ponto de vista teórico, a palavra compartilhada em sala de aula transcende a mera troca de informações, constituindo-se em prática emancipatória.

A característica das perspectivas metodológicas serem diferentes, contribuem para uma inferência que sustenta a “não negociabilidade” do diálogo confirmando que este está pautada e fundamentado , mesmo em momentos históricos e metodologicamente diferentes.

Além disso, observa-se que a análise dos autores evidencia uma complementaridade entre perspectivas pedagógicas, filosóficas e socioculturais. Enquanto Freire e Vygotsky ressaltam a dimensão prática e transformadora do diálogo, Habermas e Gadamer ampliam a discussão para a esfera da ética e da hermenêutica, e Bakhtin evidencia a natureza polifônica da linguagem. Essa pluralidade enriquece a compreensão do diálogo como fenômeno educacional complexo.

Por fim, nota-se que o diálogo não apenas sustenta o processo de ensino-aprendizagem, mas também atua como mecanismo de resistência contra práticas autoritárias e reducionistas. O diálogo busca seu espaço permeando pela emancipação e criticidade social, onde não se permite ser um apêndice de uma prática, mas sim a própria prática docente.

Em um cenário marcado por tecnologias digitais e discursos que frequentemente privilegiam a produtividade, os autores aqui analisados reafirmam a centralidade do encontro humano, da escuta ativa e do respeito às vozes múltiplas presentes no espaço escolar, ao mesmo tempo que surge como convite reflexivo de multidisciplinaridade e diversidade respeitada.

## Conclusão

Conclui-se que o diálogo entre professor e estudante vai além de técnica didática. A educação se realiza na

palavra partilhada, na escuta mútua e na construção coletiva do conhecimento, conferindo à escola um espaço de diversidade, empatia e interdisciplinaridade. O diálogo é uma ferramenta não negociável, que deve ser preservada e potencializada mesmo em contextos de crescente digitalização e automação.

Cabe à educação resguardar este espaço de encontro humano, pois é nele que se forjam as condições para a emancipação, para a ética e para a reinvenção permanente da sociedade.

## Referências

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. Pesquisa qualitativa: métodos e técnicas. São Paulo: Cortez, 2002.

GADAMER, H. G. Verdade e método. Petrópolis: Vozes, 1997.

HABERMAS, J. Teoria da ação comunicativa. v. 1 e 2. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.